

## Allan Kardec, a pesquisa espírita e sua interface com o público

### Allan Kardec's spiritist research programme and its interface with the public

Silvio Seno Chibeni\*

#### Resumo

Este artigo descreve e comenta a criação, por parte de Allan Kardec, de um complexo arcabouço de divulgação de sua produção no novo campo de estudos a que denominou “Espiritismo”, ou “ciência espírita”. Embora não fazendo parte do mundo acadêmico, no sentido institucional do termo, o pesquisador francês efetivamente se aproximou, no desenvolvimento dessa interface com o público, daquilo que à época começava a se tornar padrão nas áreas mais maduras da ciência. Criou uma sociedade de estudos, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em que fatos, hipóteses e métodos eram apresentados e discutidos, antes de eventualmente serem incorporados em textos e divulgados mais amplamente. Para essa divulgação, conjugou a publicação de livros temáticos a uma revista de assuntos espíritas gerais, a Revista Espírita, para veicular ensaios e resultados preliminares, servindo também de via de mão dupla para a interação com assinantes e correspondentes, interessados em contribuir com a elaboração da teoria espírita. Dado, porém, que o Espiritismo não era, nem pretendia ser, uma disciplina científica inserida no meio acadêmico oficial, existem diversas diferenças entre essas duas instituições espíritas e suas análogas na academia. Estas diferenças são aqui apontadas, explicadas e justificadas, como aspectos típicos do programa kardequiano.

**Palavras-chave:** Espiritismo. Allan Kardec. Ciência Espírita. Filosofia Espírita. *Société Parisienne des Études Spirites. Revue Spirite.*

#### Abstract

This paper analyses the framework created by Allan Kardec for the dissemination of his work in the field that he called “Spiritism”, or “spiritist science”. Although not belonging to the scientific-academic world properly, he endeavoured to emulate, within his research programme, the two typical institutional structures of science and academic areas in general. Thus, he founded a research society, the Société Parisienne des Études Spirites, and a specialised journal, the Revue Spirite. The former became the locus of his research activities. It was in its weekly meetings that the main facts forming the empirical basis of the spiritist theory were reported and examined. The results of these analyses were, in many cases, published in the Revue. In the event, the Revue became a vitally important two-way communication channel between Kardec and a wide audience of subscribers, in France and in many other countries. Given, however, the fact that Spiritism was not, nor was intended to be, a scientific discipline in the official academic establishment, several distinctions exist between these two spiritist institutions and their analogous ones in the academy. These differences are here pointed out, explained and justified as peculiar aspects of Kardec's research programme.

**Keywords:** Spiritism. Allan Kardec. Spiritist Science. Spiritist Philosophy. Société Parisienne des Études Spirites. Revue Spirite.

---

Artigo submetido em 12 de novembro de 2023 e aprovado em 11 de julho de 2024.

\* Doutor em Lógica e Filosofia da Ciência pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduado em Física. Pós-doutorado na Universidade de Paris. Professor titular na UNICAMP. País de origem: Brasil. E-mail: chibeni@unicamp.br.

## Introdução

Contrariamente a uma visão bastante disseminada na sociedade, e mesmo entre espíritas, Allan Kardec não foi o iniciador, ou chefe, de uma religião, no sentido ordinário do termo. Não apenas ele se posicionou explícita e enfaticamente contra essa interpretação, como também ela não é compatível com a análise isenta e cuidadosa das fontes e fatos históricos sobre a sua atuação espírita. O mais importante texto de Kardec sobre o assunto foi publicado em maio de 1859 na *Revue Spirite* (p. 129-138), intitulando-se “Refutation d’un article de *l’Univers*”. Trata-se de um artigo que acabara de sair no jornal católico *L’Univers*, da autoria do Abade François Chesnel, com o título “Une nouvelle religion à Paris” (“Uma nova religião em Paris”) (Chesnel, 1859). Nele, o eclesiástico critica duramente o advento do Espiritismo – que ele sistematicamente confunde com o espiritualismo (*spiritualisme*) –, entendendo-o justamente como uma nova religião, que ameaçaria, em suas teses e práticas, o *establishment* religioso da época. Antes de iniciar sua refutação, Kardec transcreve integralmente o artigo de *L’Univers*. O cerne da detalhada réplica de Kardec consiste em mostrar que o eclesiástico está equivocado quanto a essa compreensão do caráter do Espiritismo. A polêmica teve diversos outros episódios, relatados na *Revue* e no próprio *l’Univers*,<sup>1</sup> e assumiu, para Kardec, tal importância que ele transformou as teses e argumentos principais nela envolvidos numa série de questões com um “Visitante” fictício no livro *Qu’est-ce que le Spiritisme*, publicado nesse mesmo ano de 1859. Elas integram o seu primeiro capítulo, intitulado “Pequena conferência espírita”. A partir da 6ª edição, de 1865, esse capítulo foi didaticamente subdividido em três “Diálogos”, o último dos quais é explicitamente rotulado “O padre”; e sua primeira questão é

<sup>1</sup> A réplica de Kardec foi publicada também no próprio jornal católico, em 28 de maio de 1859, p. 3 e 4, seguida da tréplica do abade. Esta tréplica, a seu turno, foi novamente comentada por Kardec na *Revue*, no mês de julho de 1859, p. 91: “Réponse à la réplique de M. l’abbé Chesnel, dans *l’Univers*”. Ainda sobre o mesmo assunto, veja-se também o comentário final de um segundo artigo sobre outro caso que mereceu a atenção de Kardec, o do Sr. Deschanel, que no *Journal des Débats* acusou o Espiritismo de ser materialista, *Revue*, abril de 1861, p. 99 (o artigo inicial sobre esse caso saiu em março de 1861, p. 65-75). Esse conjunto de textos deve porém ser confrontado com o artigo tardio de Kardec, “Le Spiritisme est-il une religion?”, *Revue Spirite*, dezembro 1868, em que ele admite que há um sentido em que o Espiritismo poderia, sim, ser considerado uma religião: “[...] no sentido *filosófico*, o Espiritismo é uma religião [...] porque ele é a doutrina que funda os laços de fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as mais sólidas bases: as próprias leis da Natureza” (p. 359; grifo meu). Esse sentido “filosófico” é o que remete à etimologia do termo ‘religião’ (um elo): “[...] uma religião, em sua acepção ampla e verdadeira, é um elo que religa os homens em uma comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças” (p. 358). Kardec contrasta tal sentido com o sentido mais comum do termo, pressuposto por Chesnel: “[...] mais tarde, esse nome foi dado a esses mesmos princípios codificados e formulados em dogmas ou artigos de fé” (p. 358). Para uma análise detalhada do assunto, ver Barros, 2022.

atribuída a “um abade”. Esse diálogo inclui as questões do visitante genérico da 1ª edição, acrescido agora de diversas outras. É por demais evidente que esse material todo derivou do debate real travado com o Abade Chesnel, com a omissão do nome e de outros detalhes sem relevância teórica. Podemos especular, talvez, que a própria ideia de publicar um livro com esse título tenha advindo justamente da percepção de Kardec de que o público em geral, assim como o abade, poderia estar formando uma concepção falsa do que era o nascente campo de estudo.<sup>2</sup>

Meu objetivo aqui não é analisar esse importante debate, que se intensificou na França e no Brasil, na virada do século, mas estabelecer um contraste entre a interpretação comum do papel de Kardec como um chefe religioso e outra, em que sua atuação se aproxima à de um pesquisador acadêmico que, diante de um conjunto de fatos novos, procurou averiguar, inicialmente, sua autenticidade, e depois formular novos conceitos e teorias capazes de explicá-los, ao menos em suas linhas gerais. Disse “se aproxima”, porque evidentemente há diferenças importantes, que comentarei ao longo do texto.

## 2. Um novo campo de estudos.

A história da ciência tem fartos exemplos, hoje bastante estudados por historiadores e filósofos da ciência, de casos em que fenômenos novos são observados pelos pesquisadores, numa determinada época e contexto. Quanto mais avançada ou “madura” for a área em que os fenômenos são registrados, mais complexo e sofisticado será seu tratamento, e mais significativas suas implicações. Se o desenvolvimento histórico da disciplina científica for ainda incipiente, mais incerteza haverá sobre a *estratégia* de pesquisa a ser adotada: como melhorar o registro dos fenômenos, tornando mais precisa e definida sua descrição qualitativa e quantitativa; como encaixá-los nas teorias existentes; e, não sendo possível, como expandir, refinar, aperfeiçoar tais teorias; ou, em casos

---

<sup>2</sup> Concepções equivocadas acerca do Espiritismo vicejaram, no tempo de Kardec, e mais ainda após ele, na própria França e depois, com vigor, no Brasil. Veja-se, por exemplo, este trecho de um livro com o peculiar título *La Religion Spirite. Son sogme, sa moral, ses pratiques (A religião espírita. Seu dogma, sua moral e suas práticas)*; Bertrand, 1898, p. 3): “Allan-Kardec, o patriarca do Espiritismo, não quis fazer, ou fez somente de passagem, um estudo científico das manifestações espíritas. Seu objetivo, como confessou diversas vezes, foi o de fundar uma religião nova, chamada não a destruir, mas a explicar e completar a religião cristã. Limitamo-nos, nesta brochura, a examinar, de forma tão breve quanto possível, o sistema religioso do novato e mostrar suas contradições, incoerências e perigos. Tais contradições e incoerências, numerosas demais para que possamos apontá-las todas, dissimulam-se, ordinariamente, numa fraseologia na qual o verdadeiro e o falso se tocam, se confundem e se imbricam da maneira a mais insidiosa.”

extremos, substituí-las por outras. etc.<sup>3</sup> O estudo geral das relações entre *fenômenos* (ou *fatos*, numa linguagem mais comum) e *teorias* é, porém, bastante especializado hoje em dia, cabendo à área da filosofia da ciência, não podendo ser abordado aqui. Quero apenas comentar o caso específico de Kardec, e indicar como ele soube encaminhar seus estudos numa direção bastante adequada, à luz do que se propõe atualmente nessa área específica da filosofia.<sup>4</sup>

Há registros bastante seguros, embora pouco numerosos, da reação inicial de Kardec diante de relatos que lhe foram feitos, da ocorrência de fenômenos estranhos ou incomuns, envolvendo movimentos de objetos, ruídos sem causa conhecida; depois, de fenômenos que podiam, em certos casos, apresentar sinais de inteligência, como por exemplo correlações dos movimentos e sons com questões formuladas ou em discussão pelos observadores, mediante certas codificações adremente estabelecidas. A reação de Kardec foi cética, a princípio; eram os anos de 1854 e 1855. No entanto, vencida sua resistência inicial, pelo peso das evidências, ele veio a observar fatos dessa natureza em condições “que não deixavam lugar para dúvida” quanto a sua autenticidade (ou seja, não poderiam ser atribuídos a ilusões ou fraudes). “Entrevia naquelas aparentes futilidades [...] qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo” (Kardec, *Oeuvres Posthumes*, p. 305-306). Esse estudo sistemático dos fenômenos das chamadas “mesas girantes” e outros do mesmo tipo,<sup>5</sup> levaram Kardec à conclusão de que sua causa última eram inteligências humanas “desencarnadas”, ou seja, de pessoas comuns já falecidas.

As credenciais epistêmicas dessa inferência feita por Kardec foram examinadas por mim em outro lugar, e não serão discutidas novamente aqui (Chibeni, 2020). Assumirei, para efeito de argumento, que elas são suficientemente robustas para legitimar a postura de Kardec, de iniciar, a partir dessa conclusão basilar, a construção de um complexo edifício teórico, ao longo

---

<sup>3</sup> O caso mais conhecido é o das observações astronômicas feitas por Galileo Galilei, no início do século XVII, usando uma luneta por ele construída: manchas no Sol, montanhas na Lua, fases de Vênus, satélites de Júpiter. Nenhum desses fenômenos podia ser encaixado na teoria astronômica antiga, geocêntrica, e na cosmologia e física na qual estava inserida, há quase dois milênios. Galileo engenhosamente usou suas observações para criticar esse arcabouço teórico e iniciar a construção da cosmologia e física modernas. Para uma primorosa tradução comentada do principal livro de Galileo, *o Diálogo sobre os Dois Sistemas Máximos do Mundo, Ptolomaico e Copernicano*, ver Galilei, 2011. Para uma análise detalhada da metodologia de Galileo, ver Mariconda, 2006.

<sup>4</sup> Para uma análise geral dos desafios envolvidos na exploração de novos campos de fenômenos, ver Chibeni; Moreira-Almeida, 2007.

<sup>5</sup> Para uma análise histórica detalhada desses fenômenos, ver Wantuil, 1978. Consulte-se também Wantuil; Thiesen, 1979, e Aubrée; Laplantine, 1990.

dos anos, dentro daquilo que, em filosofia da ciência contemporânea, se pode denominar de um “programa científico de pesquisa” (Lakatos, 1970). Em outros trabalhos examinei o projeto ou programa kardequiano em sua dimensão teórica (científica, filosófica).<sup>6</sup> Meu presente objetivo é identificar e comentar brevemente o arcabouço por assim dizer “externo” em que esse programa foi desenvolvido. Por “externo” quero me referir ao contexto social em que Kardec operou: com quem interagiu, que auxiliares teve, como lidava com o público em geral, que formato escolheu para divulgar seus resultados, colher novos dados, etc. Tratarei disso em duas seções separadas.

### **3 A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (*Société Parisienne des Études Spiritiques*).**

A ciência é, contemporaneamente, um empreendimento coletivo por excelência. Se, porém, recuarmos até suas origens, na Grécia Antiga – quando não havia a distinção entre ciência e filosofia, no sentido em que hoje entendemos esses termos – a criação de conhecimento era, tipicamente, da iniciativa de indivíduos. Cada pensador ou amante do saber – *filósofo*, no sentido original da palavra – desenvolvia suas ideias, suas teses, seus argumentos; apenas subsidiariamente esse conhecimento era depois compartilhado, em geral num círculo muito restrito de “discípulos”. O exemplo mais famoso foi o de Sócrates, no século V a.C. Ele não foi o primeiro filósofo, mas sua influência foi grande, por estar no início de uma famosa linha de grandes filósofos: foi mestre de Platão, que a seu turno foi mestre de Aristóteles, o maior filósofo de todos os tempos. Sócrates, porém, aparentemente nada escreveu; quem registrou suas ideias foram seus discípulos, principalmente Platão.

Além da originalidade e alcance de suas teses filosóficas, Platão também é lembrado como o filósofo que pela primeira vez pensou em desenvolver seus ensinamentos e análises numa espécie de instituição: a Academia. Não era uma escola, como hoje conhecemos, embora nela também se ensinasse. Era algo mais próximo de um centro de estudos filosóficos. Nela estudou Aristóteles, que depois

---

<sup>6</sup> Além da de Lakatos, surgiram, à mesma época, outras propostas de análise da ciência que ressaltam seu caráter integrado. A mais famosa delas junto ao público leigo é a de Thomas Kuhn, com sua noção de “paradigma” (Kuhn, 1970). Larry Laudan, a seu turno, propôs a noção de “tradição de pesquisa científica” (Laudan, 1977). Em outros trabalhos discuti a possibilidade de se analisar a proposta de Kardec à luz das teorias da ciência de Lakatos (Chibeni, 1984, 1991, 1998) e Kuhn (Chibeni, 1994, 1999).

fundou, a seu turno, outra instituição do mesmo gênero, o Liceu. Tanto em uma como em outra dessas instituições a figura central era a do respectivo fundador; porém não havia, pela própria índole da filosofia, a obrigatoriedade de que quem as frequentasse “seguisse” seus mestres. A filosofia era, por excelência, o campo da livre análise de teses e argumentos.

Dando um salto no tempo, na Idade Média as atividades filosóficas também se desenvolveram em instituições, agora em geral sob a égide da Igreja: os mosteiros. Características próprias foram introduzidas, entre as quais um certo grau de “fechamento”; esses importantes centros de cultivo do saber não eram acessíveis a todo e qualquer interessado. Seja como for, o conhecimento ali gerado acabou se disseminando mais tarde, por manuscritos, registros, livros. Além dos filósofos medievais europeus, pensadores árabes também tiveram papel essencial, especialmente pela recuperação e crítica da filosofia clássica grega.

Na chamada baixa Idade Média (séculos XI a XV), fatos novos apareceram no campo acadêmico: interesses comuns entre os diversos centros filosóficos levaram ao surgimento das primeiras universidades: Bologna, Oxford, Cambridge, Salamanca, Padova, Napoli, Coimbra, nessa ordem, e depois algumas outras. O caráter coletivo dos estudos acadêmicos acentuou-se e adquiriu feições próprias, que se modificaram ao longo dos séculos, até chegarmos às nossas atuais instituições universitárias, bastante distintas de suas precursoras medievais. O objetivo geral, porém, ainda é o mesmo: discutir teses, analisar argumentos, gerar conhecimento, formar novas gerações de pesquisadores e mestres.

Já no período moderno (séculos XVI a XVIII), outra novidade de grande importância apareceu: a fundação das primeiras instituições de pesquisa propriamente ditas, desvinculadas do ensino e da tutela, ainda grande nas universidades, do pensamento religioso (agora diversificado entre católico-romano, anglicano e protestante): a Accademia dei Lincei, em 1603, em Roma, a Royal Society, em 1660, em Londres, a Académie des Sciences, em 1666, em Paris; outras depois se seguiram. Foi nelas que se concentrou a efervescente atividade de pesquisa que deu origem ao que hoje chamamos de *ciência*. Delas participaram virtualmente todos os seus grandes fundadores, como Galileu, Boyle

e Newton. Elas existem até hoje, ao lado de milhares de outras, a que serviram de inspiração e modelo.

Na época de Kardec o panorama das instituições acadêmicas já havia mudado bastante, relativamente ao início do período moderno, mas ainda estava longe de ser como é hoje. Em seu contexto mais próximo, havia a Universidade de Paris (a Sorbonne, hoje subdividida em várias outras) e diversas academias especializadas, ao lado da ancestral Académie des Sciences. Kardec, ou melhor, Hippolyte-Léon Rivail (seu nome real), o educador, era membro de várias delas.<sup>7</sup> Porém seu trabalho de criação e desenvolvimento do *Espiritismo* parece ter sido conduzido de forma dissociada de qualquer academia já existente. Em suas obras espíritas ele não alude a academias, a não ser de passagem; e, ao que parece, nunca se referiu à universidade.

Sendo, no entanto, um polímata, e vivendo num dos principais centros culturais do mundo, ele não apenas sabia de sua existência, como também herdou da academia alguns dos valores fundamentais: a busca do saber pelo saber (o ideal fundador da filosofia), o livre exame de teses, o papel fundamental da argumentação para a avaliação de qualquer proposta, teoria ou doutrina, a divulgação dos principais resultados para um público mais amplo e, em paralelo com as já chamadas *ciências*, a busca por evidência experimental (ou “empírica”, como se diz em filosofia), quando cabível. Esses valores nortearam toda a sua atuação na formulação e condução do programa de pesquisa espírita.<sup>8</sup>

Em diversos dos seus textos principais, a começar pela introdução de *Le Livre des Esprits* (1ª edição de 1857), e terminando no ensaio intitulado “Caracteres da revelação espírita”,<sup>9</sup> Kardec argumentou que, dada a radical diferença de *objetos de estudo*, o Espiritismo – ou, como ele o caracterizou,

---

<sup>7</sup> Para uma lista completa e documentada, ver Pimentel, 2014, seção 2.3.

<sup>8</sup> Veja-se, em especial, o artigo intitulado “O livre-pensamento e a livre-consciência”, que abre o número de fevereiro de 1867 da *Revue Spirite*, p. 33-41. Apenas como um exemplo, dentre numerosos pronunciamentos de mesmo teor, veja-se este trecho de uma resposta a um libelo antiespírita de clérigo de Estrasburgo, transcrito *verbatim* na *Revue*: “O Espiritismo não se impõe; aceita-se. Dá suas razões e não acha mal que sejam combatidas, contanto que com armas leais, deixando o assunto à apreciação do bom senso público. Se repousa sobre a verdade, triunfará, apesar de tudo; se seus argumentos são falsos, a violência não os tornará melhores. O Espiritismo não quer ser acreditado sob palavra; quer o livre-exame. Sua propaganda se faz, dizendo-se: Vede o pró e o contra; julgai o que melhor satisfaça o vosso juízo, o que melhor responda às vossas esperanças e aspirações, o que mais toque vosso coração. Decidi, então, com conhecimento de causa.” (*Revue Spirite*, março de 1864, p. 84.).

<sup>9</sup> O ensaio forma o cap. 1 de seu último livro, *La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme*, de 1868. Foi elaborado originalmente na forma de dois artigos na *Revue*, em 1866 e 1867, e depois publicado como separata, após o lançamento do livro, ainda em 1868. Para uma análise detalhada desses textos, ver Chibeni, 2019a, 2019b.

*ciência espírita*<sup>10</sup> – e as ciências ordinárias (das universidades e academias) deveriam ser conduzidos de forma autônoma. Foi por essa razão teórica, filosófica, ou metodológica, que Kardec jamais esboçou nenhum movimento para promover a introdução dos estudos espíritas nas instituições científicas ou acadêmicas de modo geral. Tampouco julgava pertinente que elas opinassem nos assuntos da ciência espírita, ressalvada a existência de eventuais questões de fronteira entre ela e disciplinas acadêmicas, e admitida a possibilidade de que os cientistas e acadêmicos por ela se interessassem *enquanto indivíduos*.

Retomando a já referida assimilação, por parte de Kardec, dos valores e métodos epistêmicos básicos do mundo acadêmico, vemos que ele se posicionou num terreno completamente *sui generis*. Concebeu e defendeu invariavelmente a concepção do Espiritismo como uma ciência, cujo objeto de estudo específico era a natureza espiritual, distinta do corpo, do homem enquanto ser pensante, senciente, volitivo. Julgou, porém, que para esse tipo de assunto não parecia haver espaço na academia. Era, pois, necessário empreender o seu estudo fora dela. Para isso, achava-se intelectualmente sozinho. Isso não quer dizer que tenha engendrado a teoria espírita de forma solitária, fechado em seu gabinete, sem interagir com ninguém. O fator que pôs Kardec no rumo de suas pesquisas foi a observação direta de uma classe de fenômenos incomuns. Eles se produziam na presença de muitas outras pessoas, tipicamente em domicílios particulares de conhecidos seus. Evidentemente, nesse contexto opiniões e interpretações diversas, muitas vezes discrepantes ou superficiais, surgiam. Porém, como ele mesmo registrou no manuscrito póstumo já citado, sua perspectiva era diferente: queria empreender uma investigação sistemática dos fatos, com vistas não apenas à sua explicação racional, mas também à exploração de suas possíveis consequências filosóficas, para um conjunto milenar de inquietações intelectuais do homem.

A essa tarefa ele se lançou sozinho; isso podemos afirmar com razoável segurança, mas com uma ressalva igualmente *sui generis* no campo da ciência: no cerne da nova ciência estava a existência de Espíritos – entendidos como

---

<sup>10</sup> Na sexta edição de *Qu'est-ce que le Spiritisme*, de 1865, Kardec responde desta forma a questão que dá título ao livro: “O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos e de suas relações com o mundo corporal” (Preâmbulo, p. 2).



homens ordinários, porém destituídos de seu corpo. Ora, Kardec relatou que tais seres inteligentes participaram explícita e deliberadamente da elaboração das linhas mestras da teoria espírita. A partilha de trabalho entre eles e Kardec foi apresentada, analisada e justificada em diversas publicações de Kardec, ou que permaneceram na forma de manuscritos, vindos a lume postumamente. De um destes destaco a seguinte síntese:

Vi logo que cada Espírito, em virtude da sua posição pessoal e de seus conhecimentos, me desvendava uma face daquele mundo, do mesmo modo que se chega a conhecer o estado de um país, interrogando habitantes seus de todas as classes, não podendo um só, individualmente, informar-nos de tudo. Compete ao observador formar o conjunto, por meio dos documentos colhidos de diferentes lados, colecionados, coordenados e comparados uns com outros. *Conduzi-me, pois, com os Espíritos, como houvera feito com homens. Para mim, eles foram, do menor ao maior, meios de me informar e não reveladores predestinados.* Tais as disposições com que empreendi meus estudos e neles prossegui sempre. Observar, comparar e julgar, essa a regra que constantemente segui (Kardec, *Oeuvres Posthumes*, p. 308).<sup>11</sup>

Em que pese essa posição autônoma, crítica, de Kardec quanto ao que resultava de sua interação com os Espíritos, o fato de seus “colaboradores” não serem pessoas no sentido usual do termo – pessoas-com-corpo –, somado à circunstância igualmente única de ele estar iniciando um campo de estudos a partir do nada, configurou um contexto radicalmente diverso do que já era, na época, típico dos empreendimentos científicos e acadêmicos de um modo geral.

Um importante movimento para contrabalançar esses aparentes obstáculos para a implantação de um programa de pesquisa que se inspirasse nos programas das ciências ordinárias foi, porém, feito por Kardec, ao conferir um caráter minimamente institucionalizado às suas observações e construções teóricas, inicialmente empreendidos em reuniões familiares diversas, e depois em sua residência particular. Foi assim que fundou, em 1º de abril de 1858, a *Société Parisienne des Études Spirites*. Tratava-se de uma sociedade legalmente constituída, com estatuto próprio, bastante minucioso quanto aos seus objetivos, critérios de admissão e desligamento de membros, quotização de despesas, tipos de reuniões, estudos recomendados ou interditos, etc. O artigo 1º de seu Regimento, que forma um capítulo de *Le Livre des Médiuns* (1861), indica

<sup>11</sup> Os itálicos são meus. Nesta citação aproveitei a tradução de Guillon Ribeiro (Kardec, 1944). Todas as demais traduções neste artigo são de minha autoria.

sucintamente os objetivos da *Société*:

A Sociedade tem por objeto o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. São defesas nela as questões políticas, de controvérsia religiosa e de economia social. (Kardec, *Le Livre des Médiuns*, 1ª ed., cap. XXVI, p. 428; 2ª ed., cap. XXX, p. 458.)

Conquanto as reuniões nunca fossem públicas (art. 17), elas não eram secretas, em nenhum sentido do termo. Não apenas observadores externos poderiam ser admitidos, mediante convite e aprovação da Diretoria, mas também as atas das sessões foram publicadas na *Revue*, em seus primeiros anos. Da mesma forma, os resultados mais significativos obtidos, incluindo-se comunicações de Espíritos, análises, propostas, correspondência com membros de outros centros, etc., muitas vezes também iam para a *Revue*, na forma de artigos diversos. Nos dois anos iniciais, a *Société* se reuniu em salas alugadas no Palais Royal; a partir de 1860, transferiu-se para imóvel de Kardec situado à rua Saint-Anne, ali permanecendo até seu falecimento, em 31 de março de 1869. A esposa de Kardec e colaboradores mais próximos esforçaram-se para manter a *Société* operante, já no novo endereço, à rua de Lille; mas não o conseguiram por muito tempo.

Sob a liderança de Kardec, a *Société* de Paris manteve efetivos vínculos de colaboração com outros centros de estudo, que rapidamente se formaram em várias cidades francesas e de outros países e continentes, inspirados na iniciativa pioneira de Kardec, em Paris. Criou-se, assim, uma extensa rede de colaboração, da qual muito se beneficiou Kardec na produção de suas obras, a *Revue*, inicialmente, e depois também os livros. Sua correspondência alcançou volume tal que, em poucos anos, não pôde mais ser mantida em dia; um secretário, membro da *Société*, passou a auxiliar Kardec nos casos mais simples.

Tudo isso fazia prever, por parte de Kardec, que tal rede de instituições – das familiares às de caráter mais formal – só faria se consolidar e estender ao longo dos anos. Esperava que os estudos nelas empreendidos pudessem prosseguir, frutíferos, adaptando-se a eventuais contextos novos que fossem surgindo, em cada cidade ou país. Em artigo publicado em um dos últimos números da *Revue*, Kardec propõe diretrizes minuciosas para o prosseguimento

do programa espírita quando ele não mais estivesse presente.<sup>12</sup> Vistos com a vantagem da retrospectiva, esses ensaios são hoje percebidos como excessivamente otimistas. O desenvolvimento normal, progressivo e cada vez mais coletivo, do programa não se concretizou plenamente, por fatores diversos e complexos, cuja análise requereria outro artigo. Os grupos espíritas, florescentes nos anos iniciais, em geral perderam seu vigor, ou seguiram rumos inesperados, ou simplesmente se extinguiram, num tempo surpreendentemente curto. Na virada do século, embora houvesse espíritas e instituições espíritas na França e em outras partes, um olhar crítico e, novamente, favorecido pela retrospectiva, não reconhece neles boa parte dos valores intelectuais acalentados pelo iniciador do Espiritismo. Tampouco foram efetivamente seguidas as detalhadas diretrizes organizacionais para os grupos espíritas, traçadas explicitamente por ele nos referidos manuscritos, ou deixadas implícitas no exemplo de suas realizações concretas. Paralelamente ao cenário decadente do movimento espírita na Europa, no final do século XIX e nas décadas seguintes, no Brasil ocorreu, em direção inversa, uma crescente divulgação do Espiritismo, com a tradução de suas obras, ainda nos anos 1870, a formação de grupos em diversas partes do país, o lançamento de periódicos, etc. Em que pese a ocorrência de divergências bastante sérias entre os espíritas acerca da própria compreensão da proposta espírita e de questões relativas à organização social das atividades, o fato é que o Espiritismo se consolidou amplamente em nosso meio. Aqui, porém, assumiu uma feição que não se poderia prever, dadas as análises explícitas do tema feitas por Kardec: passou a ser considerado uma religião, ao lado das demais. “Uma nova religião no Brasil”, escreveria talvez o Abade Chesnel, estivesse ele por aqui.<sup>13</sup> O Espiritismo como uma religião é a visão *standard* no Brasil, há mais de cem anos, tanto entre espíritas como entre o público em geral. Os censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) oferecem o Espiritismo como uma das opções de religião; na edição de 2010 (a última cujos dados sobre religião estão disponíveis), os que se declararam espíritas eram 2%

<sup>12</sup> *Revue Spirite*, dezembro de 1868, p. 369-394. O sugestivo título do artigo é “Constituição transitória do Espiritismo”. Esse longo texto foi depois reproduzido por Leymarie em *Oeuvres Posthumes*, acrescido de comentários e complementos de Kardec, que não haviam entrado na versão publicada.

<sup>13</sup> Há algumas décadas começaram a surgir estudos históricos e sociológicos acadêmicos sobre o assunto. Ver, por exemplo, Aubrée; Laplantine, 1990; Stoll, 1999, 2002, 2003, 2004. Para uma análise detalhada e otimista, consulte-se Wantuil; Thiesen, 1979/1980; para uma análise recente, pessimista, ver Ribeiro Jr., 2022.

da população.<sup>14</sup>

Sem querer entrar no mérito desse desenvolvimento do Espiritismo em terras brasileiras – e daqui, num processo de reexportação, de volta para a França e outros países da Europa e Américas, no último meio século –, o fato é que ele não pode ser visto como a concretização da expectativa de Kardec, de que o Espiritismo viesse a se firmar como um empreendimento análogo, ou pelo menos inspirado, nos padrões acadêmicos, como uma “ciência espírita”, com bases empíricas e elaboração teórica racional. Na próxima seção examinarei, para terminar, outro fator da obra de Kardec que pode ser visto como um esforço da parte dele para consolidá-lo nessa direção. Trata-se do lançamento, nos anos iniciais de suas atividades, de um veículo dinâmico de análise e divulgação, a *Revue Spirite*.

#### **4 A Revista Espírita (*Revue Spirite*).**

Desde os primórdios de nossa tradição acadêmica, o registro escrito da produção, de qualquer tipo que seja, assumiu fundamental importância. Por mais de dois mil anos, o livro foi o veículo por excelência do conhecimento filosófico, científico, histórico, etc. A partir da invenção da imprensa, no séc. XV, livros se disseminaram amplamente. O advento da Modernidade, nos dois séculos seguintes, ficou marcado, no plano intelectual, por livros notáveis, que lançaram os fundamentos de áreas inteiras, que mais tarde seriam denominadas “ciências”. Eles eram ao mesmo tempo sínteses das pesquisas realizadas e instrumentos para a transmissão dos novos conhecimentos para os aprendizes de cada disciplina. Hoje em dia o papel dos livros é bastante diverso. A mudança de estatuto dos livros no campo acadêmico foi gradual e bastante sensível a diferenças entre as grandes áreas do saber.

Um primeiro movimento nessa mudança decorreu da já mencionada fundação das primeiras sociedades acadêmicas ou científicas. Nelas, o relato de experimentos e apresentação de propostas teóricas de sua interpretação se dava, tipicamente, em sessões regulares ou extraordinárias, de que seus membros

---

<sup>14</sup> Embora esse número seja pequeno, representa a terceira maior religião do país, se as muitas denominações de linhagem protestante/evangélica forem reunidas num só grupo.

participavam; espécies de “seminários”, ou “workshops”, como diríamos hoje. Percebeu-se que essas discussões e análises não deveriam ficar só no plano da oralidade. O registro escrito de tudo o que de mais importante ocorria ali começou a ser feito de forma sistemática, na forma de *anais*. O pioneiro foi o “*Philosophical Transactions of the Royal Society*”, iniciado em 1665, existente até hoje. Revistas acadêmicas, como as que conhecemos hoje, ainda demorariam para surgir. As primeiras foram fundadas apenas no final do século XVIII. Eis alguns exemplos: *Journal für die Botanik* (1799); *Allgemeines Journal der Chemie* (1798); *The Chemical News and Journal of Physical Science* (1773); *The London Medical Journal* (1781); *Journal historique et littéraire* (1789). A lista é longa, incluindo dezenas de outras publicações. Houve, nessa época, uma explosão de revistas especializadas nas mais diferentes áreas, em diversos países da Europa e Estados Unidos. Uma das principais características das revistas foi, além de sua regularidade, agilidade e especialização, a gradual adoção do sistema de revisão por pares: os editores submetem as propostas de artigos anonimamente a especialistas, cuja identidade também é mantida em anonimato, para a avaliação do mérito da proposta. Atualmente, o desfecho mais comum é a rejeição do manuscrito, dada a avalanche de trabalhos submetidos; apenas os melhores são publicados. Nos casos favoráveis, é também comum a indicação, por vezes bastante minuciosa, de correções, complementos e outros acertos, a bem da preservação do padrão de qualidade editorial da revista. Essa se tornou a regra do jogo da ciência.

Desse modo, as publicações periódicas oficiais gradualmente se tornaram o *locus* da produção científica. É nelas que aparece o conhecimento recém gerado, e não mais em livros. Livros continuam existindo mas, por serem de composição mais lenta e exigirem mais amadurecimento, acabam funcionando como sínteses teóricas, de maior ou menor envergadura, a serem feitas de tempos em tempos, ou com objetivos específicos. Em decorrência, seu papel pedagógico também se acentuou, havendo hoje os chamados “livros-textos”, ou “manuais”, dos quais depende a formação dos estudantes de graduação. Nas Humanidades, porém, os livros clássicos continuam, por ponderáveis razões, sendo a base principal do ensino.

Passando agora ao caso que nos interessa aqui, o do programa de investigação proposto por Allan Kardec, ele se iniciou com a publicação de um livro, em 1857, *Le Livre des Esprits*. Nos anos seguintes, e até o seu falecimento, em 1869, Kardec publicou diversos outros livros, dedicados a temas ou áreas específicas do programa, como por exemplo a mediunidade, as consequências morais do conhecimento espírita, condições da vida após a morte, etc. Hoje temos acesso completo a todas as edições dessas obras feitas no tempo de vida de Kardec. Estudos recentes têm se dedicado a examinar as revisões – tipicamente muito expressivas – feitas por Kardec, quer para incorporar novos resultados,<sup>15</sup> quer para aperfeiçoar os textos quanto à forma, organização, didática, etc. Esses livros podem ser vistos como sínteses dos principais frutos dos estudos empreendidos pelo pensador francês, cumprindo também, amplamente, o papel de informar e formar os novos interessados em Espiritismo. São traduzidos em numerosos idiomas; no Brasil, como já notei, as primeiras traduções apareceram ainda no século XIX. Hoje existem muitas traduções para o vernáculo no mercado livreiro, diferindo amplamente em seus critérios, nível de rigor, objetivos, formatos gráficos, etc.

A análise rigorosa do programa kardequiano, a cargo de historiadores, sociólogos, antropólogos, filósofos e, principalmente, espíritas com perfil de pesquisa, mostra que há um elemento de fundamental importância para sua compreensão integral: o lançamento, por parte de Kardec, já no segundo ano de sua produção espírita, de um periódico mensal, a *Revue Spirite*, cujo primeiro número saiu em janeiro de 1858. Passo agora a expor e comentar brevemente suas semelhanças e diferenças relativamente às revistas acadêmicas ordinárias, começando com a identificação dos objetivos da *Revue*, a partir do que o próprio Kardec escreveu no seu primeiro artigo, em janeiro de 1858:

1. Manter o público atualizado quanto à evolução da ciência espírita;
2. Alertá-lo acerca dos excessos de credulidade e ceticismo;

---

<sup>15</sup> Foi o caso, por exemplo, do *Livre des Esprits*, cuja segunda edição, de 1860, dobrou o tamanho do livro. As obras de Kardec estão hoje disponíveis em versões digitais diversas em vários lugares, como a Bibliothèque Nationale de France (<https://gallica.bnf.fr/>) o Google Books (<https://books.google.com/>), o Ipeak (<https://www.ipeak.net>) a Kardecpedia (<https://kardecpedia.com/>), o Allan Kardec Online (<https://www.allankardec.online/>) e o site Obras de Kardec (<http://www.obrasdekardec.com.br>). Este último gradualmente está disponibilizando detalhada comparação de edições de cada um dos livros. Consulte-se também, para o caso específico do *Livre des Esprits*, Lira Neto, 2019, que examina as diferenças entre todas as 16 edições publicadas por Kardec.

3. Servir de meio de comunicação entre as pessoas que compreendem a doutrina “sob seu verdadeiro ponto de vista moral”;
4. Veicular relatos de fenômenos espíritas, psicológicos e antropológicos que contribuam para a elucidação da natureza espiritual do ser humano;
5. Fazer a “apreciação racional” desses fenômenos e examinar-lhes as consequências;
6. Publicar e analisar criticamente produções mediúnicas selecionadas, obtidas na *Société Parisienne des Études Spirites* ou enviadas por correspondentes;
7. Sondar a opinião dos homens e Espíritos sobre princípios em elaboração;
8. Examinar, à luz do Espiritismo, as crenças, lendas e tradições referentes aos Espíritos;
9. Comentar artigos de jornais, obras literárias, filosóficas e científicas à luz do Espiritismo.

Como se nota, os objetivos de Kardec eram ambiciosos. Foram, porém, sistemática e regularmente perseguidos por Kardec, num trabalho de difícil execução por uma só pessoa. Eles foram escolhidos, certamente, pela percepção de que um campo de estudos da amplitude daquele que havia inaugurado, meses antes, com a publicação de *Le Livre des Esprits* – um campo em grande medida inexplorado, sem precursores relevantes – exigia que todos esses ângulos fossem explorados. E, para isso, era indispensável ter uma *revista*, e não uma série de livros. Ao que se sabe, embora estivesse de alguma forma na vizinhança das áreas acadêmicas ordinárias, Kardec não era um colaborador, ou talvez nem mesmo um leitor, de publicações periódicas *acadêmicas/científicas* de seu tempo.<sup>16</sup> Naturalmente sabia de sua existência e, deliberadamente ou não, projetou a sua *Revue* em moldes que se assemelham consideravelmente aos dessas publicações.

Primeiro, percebeu que revistas eram veículos mais ágeis e dinâmicos de registro e propagação de relatos de fatos e propostas teóricas. Por serem

---

<sup>16</sup> Há pelo menos uma exceção ao que acabo de dizer: na área da educação – hoje também chamada de pedagogia – Kardec, ou melhor, Rivail, era, sim, um membro atuante e reconhecido da comunidade acadêmica de seu tempo. Para detalhes, ver Wantuil; Thiesen, 1979, volume I. Para uma tradução comentada de um dos livros de Rivail, o *Plan Proposé pour l'Amélioration de l'Éducation Publique*, ver Incontri, 1999.

distribuídas por assinatura, podiam, ademais, alimentar um fluxo contínuo de informações para os assinantes. Estes, a seu turno, estando distribuídos geograficamente por toda a França e muitos outros países da Europa e de outros continentes, poderiam servir, em *feedback*, como fontes de relatos de novos fenômenos e, de forma importante, de diversificação de apreciação de propostas teóricas de interpretação de fatos, de suas implicações para as diversas áreas de interesse humano, etc. A própria *Revue* dá a conhecer, abundantemente, o funcionamento efetivo dessa via de mão dupla, visto que transcreve, ao longo dos anos, amostras relevantes da correspondência endereçada a Kardec, motivada pela leitura daquilo que ele ia escrevendo e relatando em suas páginas. Serviu, assim, para estender e consolidar a rede de centros de estudos espíritas, de que tratei na seção precedente deste artigo.

Em segundo lugar, examinando de perto os artigos da *Revue*, ao longo dos anos, vemos que Kardec os considerava como tendo um caráter marcadamente exploratório, dando lugar a desdobramentos, ajustes e mesmo revisões de pontos anteriormente ventilados, quer teóricos, quer, até mesmo, de natureza experimental.<sup>17</sup> Ademais, em confronto com o que, paralelamente, Kardec foi publicando na forma de livros – livros que, como já notei, eram, a seu turno, objeto de frequentes revisões, nas edições sucessivas – notamos, em centenas de casos, que materiais inicialmente apresentados na *Revue* passaram depois a integrar os livros, com as devidas adaptações. Esse olhar privilegiado que hoje possuímos, como historiadores, permite conhecer a *dinâmica de trabalho* de Kardec, mais difícil de identificar em seus livros, especialmente se considerados apenas em suas edições finais. Como é esta a perspectiva da imensa maioria dos espíritas, em todos os lugares e épocas, o resultado foi a virtual perda de referência do *exemplo de Kardec enquanto pesquisador ativo*. Incidentalmente, isso acarretou, ou ao menos favoreceu, a visão seriamente distorcida de que o trabalho dele seria o de um “secretário dos Espíritos”; ou, na mesma desafortunada linha, de um “codificador”, como se o conhecimento espírita tivesse sido por ele considerado um “código”, em algum sentido irrefletido do termo; ou ainda uma “revelação”, dada pronta por entes de natureza super-

---

<sup>17</sup> Em certa ocasião Kardec descreveu nestes termos o papel da *Revue*: “A *Revue Spirite* é, de algum modo, uma coletânea sequencial de aplicações [*cours d'applications*], pelos numerosos exemplos e desenvolvimentos que encerra, tanto sobre a parte teórica como sobre a parte experimental [da ciência espírita].” (*Qu'est-ce que le Spiritisme*, 6ª ed., p. 109.)



humana, portadores de suposto conhecimento definitivo sobre todas as coisas.

Passo agora à identificação das principais *diferenças* entre a *Revue Spirite* e as publicações acadêmicas ordinárias. A primeira delas é de caráter conjuntural: ele projetou e lançou a revista sozinho. Não tinha nem mesmo editor; a folha de rosto do primeiro número (janeiro de 1858) indica o endereço de seu próprio domicílio, à rue des Martyrs, como local para compra e aquisição de assinaturas. As despesas gráficas correram inteiramente por sua conta, num momento em que suas finanças estavam particularmente fragilizadas.<sup>18</sup> Com o gradual aumento do número de assinantes, a revista foi se viabilizando economicamente. Em pouco tempo, os referidos objetivos começaram a ser efetivamente alcançados. Ela se tornou para Kardec importante terreno de ensaio para sua produção espírita, um vital elo bidirecional entre ele e seus já numerosos assinantes; e entre estes, uns com os outros, de forma indireta.<sup>19</sup>

Em que pese essa sua dimensão coletiva, até seu falecimento Kardec foi o redator de todos os artigos da *Revue*, fato que, mais do que qualquer outro, distancia essa publicação espírita de qualquer outra revista acadêmica. Contrabalançando esse aspecto aparentemente negativo, deve-se notar que a *Revue* foi, sob sua direção, como ele mesmo diz no referido artigo inaugural, “uma tribuna livre”, em que foram acolhidas “todas as observações que nos forem dirigidas”, visto que o objetivo exclusivo era “chegar à verdade”. Assim, relatos de fatos, opiniões sobre pontos em análise, argumentos, críticas oriundas de muitos lugares, por correspondência, ou apresentados por membros da *Société*, foram nela transcritos, desde que mantidos dentro das regras da civilidade, e no interesse estrito da causa espírita. Em seus artigos de resposta a críticos, por exemplo, Kardec costumeiramente transcrevia *ipsis literis* e, se necessário, integralmente os textos dos adversários, como foi o caso do já citado artigo do Abade Chesnel.

---

<sup>18</sup> Ver *Oeuvres Posthumes*, p. 336-338. Consulte-se também Wantuil; Thiesen, 1979/80, volume III, cap. 1, seção 2, p. 21-33.

<sup>19</sup> Do ponto de vista espírita, pode e deve ser incluída nessa comunidade de espíritas também os já “desencarnados”, ou seja, Espíritos sem corpos. Na verdade, a interação de Kardec com eles, por via mediúnica, foi fator determinante não apenas na criação das bases da ciência espírita mas também em todo o seu desenvolvimento, ao longo dos anos. A julgar pelos textos de Kardec, nessa rede por assim dizer “invisível” de colaboradores estariam não apenas aqueles de condição intelectual comum, que não deixavam por essa razão, de trazer à luz informações relevantes sobre a vida pós-morte, mas também os de condição evolutiva superior, que ajudaram sobremaneira na discussão de todos os aspectos da teoria espírita em elaboração.

Numa outra dimensão do trabalho, Kardec acompanhava não apenas o que se fazia e dizia diretamente sobre o Espiritismo, mas também lia e, sendo oportuno, comentava na revista um número inacreditavelmente grande de publicações gerais diversas – livros, revistas, jornais, folhetos – não apenas da França, mas também de vários países, em vários idiomas. Acompanhava de perto tudo o que acontecia no mundo e fosse de interesse direto ou indireto para o Espiritismo e, mais amplamente, para a melhoria da condição humana, objetivo último do Espiritismo, na concepção de seu fundador.

Isso significa que embora a *Revue* estivesse centralizada nas mãos de Kardec, e ele fosse o único autor de seus artigos, ela não deixava de ser o local onde uma vasta gama de vozes se faziam ouvir; explicitamente, no caso de correspondentes e membros da *Société*; implicitamente, no vasto elenco de autores de outras obras (livros, artigos de jornal, sermões, etc.), na medida em que foram comentados, e por vezes citados, por Kardec em seus artigos.

Na apreciação desse aspecto *sui generis* da *Revue*, não me parece apropriado acusá-lo de fugir do que se esperaria de uma publicação derivada de um projeto de pesquisa que pretendia ter alguma semelhança com as áreas acadêmicas. É recomendável, ao contrário, adotar-se aqui a regra geral historiográfica, de que a apreciação de um fato ou processo histórico requer que nos transportemos para o seu contexto, a partir do qual poderemos ter uma percepção mais justa a seu respeito. Neste caso, o contexto determinava limites evidentes para a ação de Kardec, de tipos que não estavam mais presentes, havia pelo menos dois séculos, nas áreas científicas mais consolidadas, as ciências naturais. Um deles é que, como já salientei, ele foi um iniciador virtualmente absoluto: não trabalhou de dentro de uma instituição já estabelecida (universidade, sociedade científica, filosófica, etc.); e isso não por opção, mas simplesmente por não existir nenhuma que partilhasse seu objeto de estudo com o Espiritismo. Depois, e em consequência direta disso, sua revista não estava financiada, nem colhia o fluxo de trabalhos já em andamento, em uma comunidade acadêmica já formada e autônoma. Tudo estava por fazer: estudar os fenômenos, formular ou examinar hipóteses explicativas, métodos, valores, regras de análise; divulgar os resultados; formar os próprios espíritas, enquanto

indivíduos e em suas associações, ao redor do mundo; produzir um fascículo da revista por mês, o que mesmo hoje em dia é tarefa que poucas instituições consolidadas conseguem fazer, mesmo contando com amplas redes de autores potenciais, equipes editoriais, suporte administrativo e financeiro, etc.

Resta pouca dúvida de que o próprio Kardec estava consciente das limitações de seu trabalho na *Revue*, e também, *mutatis mutandis*, na *Société*. Observe-se, por exemplo, que no final de um artigo mencionado numa nota precedente, ele ofereceu a seguinte apreciação do caráter individual de seu trabalho:

No período de elaboração, a direção do Espiritismo precisou ser individual. Era necessário que todos os elementos constitutivos da doutrina, saídos em estado embrionário de múltiplos focos, chegassem a um centro comum para nele serem colecionados e controlados; e que um pensamento único presidisse à sua coordenação, a fim de que se estabelecesse a unidade do conjunto e a harmonia de todas as partes. (*Revue Spirite*, dezembro de 1868, p. 381-382.)

Também é certo que ele sentia o peso da responsabilidade e da fabulosa carga de trabalho sobre seus ombros que esse papel de coordenação lhe acarretava. Sabemos disso não apenas por inferência, mas também por seus manuscritos, alguns dos quais vieram à luz em *Oeuvres Posthumes*; numerosos outros ficaram guardados, perdidos ou escondidos, até que, nos anos recentes, começaram ser recuperados.<sup>20</sup>

Ao contrário da *Société* de Paris, que não pôde ser mantida por muito tempo após a morte de Kardec, a *Revue* sobreviveu, envolta embora em problemas de diversas naturezas, intermitências, questionamentos de suas diretrizes dentro e fora do movimento espírita, etc. Nos tempos pós Kardec, e notadamente após o falecimento de sua esposa, Amélie Boudet, a revista teve diversos editores e foi encampada por instituições diversas, a maioria das quais sendo mais efêmeras do que a própria *Revue*. Quanto ao seu conteúdo, nota-se uma evidente perda da pujança, do rigor e da coerência dos anos em que esteve sob os cuidados de Kardec. Seja como for, é fato que nunca assumiu plenamente todos os traços de uma publicação de estilo acadêmico, embora algum progresso

---

<sup>20</sup> A mais ampla e relevante iniciativa ora em curso de tratamento e divulgação dos manuscritos de Kardec, recentemente empreendida por pesquisadores de diversas áreas do saber, é o “Projeto Allan Kardec”, sediado e coordenado pela Universidade Federal de Juiz de Fora: <https://projatokardec.ufjf.br/>

nessa direção tenha sido feito, em particular por passar a acolher artigos de múltiplos autores. Mas isso não veio acompanhado pela adoção do sistema de análise por pares, que teria se tornado importante com a ausência de Kardec na criteriosa seleção de matérias e redação dos textos. Esse sistema não parece sequer ter sido jamais reconhecido como um valor pelos editores da *Revue*; nem, aliás, pelos criadores e gestores das centenas de publicações periódicas espíritas que surgiram posteriormente, em todos os cantos do globo, e mais particularmente no Brasil.<sup>21</sup>

### **Considerações finais.**

Estimulado por observações de um conjunto de fenômenos incomuns, Allan Kardec empreendeu um vasto programa de investigação, no início da segunda metade do século XIX. Em cerca de 14 anos de pesquisas, ampliou e refinou o leque de fatos inicialmente observados e elaborou gradualmente, a partir deles, uma teoria capaz de explicá-los e integrá-los numa visão coerente da natureza espiritual do ser humano. O exame das consequências morais dessa teoria foi alvo de sua particular atenção, pois ele avaliou que a confirmação, agora empírico-racional, da imortalidade do homem tinha enorme potencial para modificar sua escala de valores morais, com benefícios palpáveis para a busca da felicidade, denominador comum de todos os homens e das mais diversas religiões e sistemas éticos propostos milenarmente por profetas e filósofos.

A centralidade desse assunto na perspectiva de Allan Kardec não o conduziu na direção de fundir ou confundir seu programa com o das religiões estabelecidas. Em textos publicados já no início de seus estudos, indicados na Introdução do presente artigo, refutou explicitamente essa interpretação. E o exame de suas realizações efetivas e do conjunto de sua obra também não parece corroborá-la. Indica, ao invés, que o referencial de trabalho de Kardec era efetivamente inspirado nas abordagens acadêmicas dos assuntos que lhe são próprios, distintos daqueles do Espiritismo. A marca mais visível dessa opção intelectual de Kardec é o fato de ele sistematicamente denominar seu programa

---

<sup>21</sup> Uma auspiciosa exceção surgiu em anos recentes, o *Jornal de Estudos Espíritas* (<https://sites.google.com/site/jeespiritas>). Antes dele, pude acompanhar de perto uma pioneira iniciativa nesse mesmo sentido, tomada pelo saudoso professor Aécio Pereira Chagas junto a uma tradicional publicação periódica espírita brasileira; logo nas primeiras ocorrências de rejeição de artigos (avaliados anonimamente, como deviam ser), porém, o editor recuou e abortou o projeto.

de “ciência espírita”. Falou também, naturalmente, em “filosofia espírita”, dada a ligação íntima entre ciência e filosofia, desde os primórdios dessas disciplinas. A ciência, no sentido contemporâneo do termo, resultou de um desmembramento da chamada “filosofia natural”, ocorrido gradualmente no período moderno, e ainda não completado integralmente na época de Kardec. Ele considerou que os fatos novos que chegaram ao seu conhecimento, e que ele examinou em detalhes depois, podiam, uma vez racional e sistematicamente processados, gerar um corpo de conhecimento sobre o homem enquanto ser pensante (e não como ser corporal, objeto das ciências naturais). Em estudo apresentado oralmente no 17º encontro anual da Liga dos Pesquisadores em Espiritismo, ocorrido em 2022, comentei possíveis paralelos e distinções entre o programa concebido por Kardec e o de importante filósofo do século XVIII, David Hume, que denominou seu projeto, igualmente ambicioso, de “ciência da natureza humana”, ou “ciência do homem”. Nessa nova ciência acalentada por Hume, também inspirada pelo sucesso, já consolidado à época, das ciências naturais, dever-se-ia adotar o que chamou de “método experimental de raciocínio”.<sup>22</sup> Não caberia, naturalmente, reproduzir minhas análises desse paralelo no presente trabalho. Dediquei-me aqui a tecer considerações – de caráter preliminar, resalto – acerca dos contornos “externos” do programa de pesquisa espírita implementado por Allan Kardec; ou, em outras palavras, do contexto social e cultural em que trabalhou. O objetivo foi identificar semelhanças e diferenças entre esse contexto e o das ciências naturais, que serviram de inspiração para a concepção do programa espírita kardequiano.

Nessa análise comparada, conta como principal fator positivo de aproximação dos dois programas o esforço deliberado e sistemático de Kardec para inserir a pesquisa espírita numa *comunidade* de pessoas com conhecimentos e objetivos comuns. O mais relevante movimento nesse sentido foi a fundação da *Société Parisienne des Études Spiritiques*. Embora numericamente muito restrita, a *Société* efetivamente funcionou como local coletivo de trabalho, de sua fundação até o falecimento de Kardec. Era nela que relatos de fenômenos, comunicações mediúnicas, teses, argumentos, publicações diversas, espíritas ou

---

<sup>22</sup> Essa expressão, agora famosa entre especialistas em Hume, era parte do subtítulo de sua principal obra, o *Treatise of Human Nature*, de 1739/1740 (Hume, 2000). O vídeo da palestra encontra-se disponível no Youtube; ver Chibeni, 2023.

não, eram discutidas e selecionadas, antes que resultados assim obtidos fossem divulgados para o público geral. Nessa divulgação está inserida a outra importante iniciativa de Kardec, a fundação de uma revista, a *Revue Spirite*. Embora ela se diferenciasse de forma muito substancial das revistas científicas e acadêmicas de um modo geral, o seu *conteúdo* exibe considerável semelhança com o de uma revista científica típica; e sua função também é parecida, tanto quanto ao seu papel na dinâmica interna da comunidade espírita, em que um importante fluxo bidirecional de informações se estabeleceu, como quanto à divulgação do novo conhecimento para uma comunidade externa mais ampla.

*Agradecimentos:* Na elaboração final deste artigo foram-me muito úteis as leituras críticas de versões anteriores empreendidas por Terezinha Colle, Adair Ribeiro, Cosme D. B. Massi, Angela A. Vitti, Eliana F. Haddad, Luiz Rafael dos Santos, Raphael F. Casseb, Alexander Moreira-Almeida e Luis Lira Neto. A todos deixo aqui meus agradecimentos, ressaltando que as posições por mim assumidas neste artigo não necessariamente coincidem com as dessas pessoas.

## REFERÊNCIAS

- AUBRÉE, M.; LAPLANTINE, F. **La Table, le Livre et les Esprits**, Paris: Éditions Jean-Clause Lattès, 1990.
- BARROS, B. F. **A Busca de Kardec**. Fé ou razão. Curitiba: Editora CRV, 2022.
- BERTRAND, I. **La Réligion Spirite. Son dogme, sa morale, ses pratiques**. Paris: Librairie Bloud et Barral, 1898.
- CHESNEL, F. (Abée). “Une nouvelle réligion à Paris”. **L’Univers**, 13 de abril de 1859. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6969966>
- CHIBENI, S. S. “Espiritismo e ciência”, **Reformador**, maio de 1984, p. 144-47 e 157-59.
- CHIBENI, S. S. “Porque Allan Kardec?” **Reformador**, abril 1986, p. 102-3. Reproduzido em **Mundo Espírita**, outubro 1999, p. 2.
- CHIBENI, S. S. “A excelência metodológica do Espiritismo”. **Reformador**, novembro de 1988, p. 328-33 e dezembro de 1988, p. 373-78. Reproduzido em **Mundo Espírita**, novembro 1999, encarte especial.
- CHIBENI, S. S. “Ciência espírita”, **Revista Internacional de Espiritismo**, março 1991, p. 45-52.
- CHIBENI, S. S. “O paradigma espírita”, **Reformador**, junho de 1994, p. 176-80.

CHIBENI, S. S. “The spiritist paradigm” (tradução do autor de Chibeni, 1994), **Human Nature**, vol. 1, n. 2, p. 82-87, January 1999.

CHIBENI, S. S. Notas históricas e bibliográficas sobre edições francesas de O Livro dos Espíritos. **Jornal de Estudos Espíritas**, vol. 2, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.22568/jee.v2.artn.010301>

CHIBENI, S. S. “O desenvolvimento dos textos de Allan Kardec sobre o caráter da revelação espírita”, **Kardecblog**, 2019a. <https://www.ideak.com.br/blog/o-desenvolvimento-dos-textos-de-allan-kardec-sobre-o-carater-da-revelacao-espirita-por-silvio-s-chibeni>.

CHIBENI, S. S. “Identificação e comentários sobre os trechos do capítulo 1 de La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme que sofreram alterações substanciais da quarta para a quinta edição”, **Kardecblog**, 2019b. <https://www.ideak.com.br/blog/identificacao-e-comentarios-sobre-os-trechos-do-capitulo-1-de-la-genese-les-miracles-et-les-predictions-selon-le-spiritisme-que-sofreram-alteracoes-substanciais-da-quarta-para-a-quinta-edicao>.

CHIBENI, S. S. “Spiritism: An experimental approach to the issue of personal post-mortem survival”, **Jornal de Estudos Espíritas**, vol. 8, 2020, DOI: 10.22568/jee.v8.artn.010203.

CHIBENI, S. S. “Kardec, Hume e a ‘Ciência do Homem’”. Palestra proferida no 17º Encontro da Liga de Pesquisares em Espiritismo, realizado em São Paulo, em 27/8/2022. Vídeo disponível em <https://youtu.be/hDBNMV6T-IE?si=2lzIw01hONuB2GX>.

CHIBENI, S. S.; MOREIRA-ALMEIDA, A. Remarks on the scientific exploration of “anomalous” psychiatric phenomena. **Journal of Clinical Psychiatry**, vol. 34, supl. 1, p. 6-13, 2007. <https://www.revistas.usp.br/acp/article/view/17116/19114>. Texto bilíngue - versão em português: Investigando o desconhecido: filosofia da ciência e investigação de fenômenos “anômalos” na psiquiatria. **Revista de Psiquiatria Clínica**, vol. 34, supl. 1, p. 8-16, 2007 <https://www.revistas.usp.br/acp/article/view/17116/19113>.

FARIA, L. **As Edições de O Livro dos Espíritos**. Edição comparada da primeira e segunda edições francesas. Leanpub, 2021 (e-book). Disponível em <http://www.obrasdekardec.com.br>.

GALILEI, G. **Diálogo sobre os Dois Máximos Sistemas do Mundo, Ptolomaico e Copernicano**. Trad. Pablo R. Mariconda. São Paulo: Editora 34, 2011.

HUME, D. **A Treatise of Human Nature**, D. F. Norton and M. J. Norton (eds.), Oxford: Oxford University Press, 2000.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <https://sidra.ibge.gov.br/acervo#/S/CD/A/57/T/Q>

INCONTRI, D. Textos Pedagógicos. Hippolyte Léon Denizard Rivail (Allan Kardec). 2ª. ed. Bragança Paulista: Editora Comenius, 1999.

KARDEC, A. **Le Livre des Esprits**. Paris: E. Dentu, Libraire, 1857.

- KARDEC, A. **Revue Spirite**. Volumes dos anos 1858 a 1869, disponíveis na *Kardecpedia*. <https://kardecpedia.com>.
- KARDEC, A. "Une nouvelle religion à Paris" (réplica a Chesnel, 1859). **L'Univers**, 28 de maio de 1859, p. 3 e 4. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k697040p/f3.item>
- KARDEC, A. **Le Livre des Esprits**. Seconde édition, entièrement refondue et considérablement augmenté, Paris: Didier et Cie, Libraire-Éditeurs; Ledoyen, Libraire, 1860.
- KARDEC, A. **Le Livre des Esprits**. Réproduction photomécanique de la 2<sup>e</sup> édition, de 1860, et des parties introduites par l'auteur. 1<sup>a</sup>. edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1998. (ISBN 85-7328-179-0. Impresso em Arras pelo Instituto de Difusão Espírita.)
- KARDEC, A. **Le Livre des Médiums**, 1<sup>a</sup> ed. , Paris: Didier et C<sup>ie</sup>.; Ledoyen, 1861.
- KARDEC, A. **Caractères de la Révélation Spirite**. Paris: Bureau de la *Revue Spirite*, 1868.
- KARDEC, A. **La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme**. 5<sup>a</sup> ed., revisada, corrigida e aumentada, Paris: Librairie Spirite et des Sciences Psychologiques, 1869.
- KARDEC, A. **Oeuvres Posthumes**. Sixième mille. P. Leymarie, éditeur. Paris: Librairie des Sciences Spirites et Psychiques, 1912.
- KARDEC, A. **Obras Póstumas**. Trad. Guillon Ribeiro. 18a ed., Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1944.
- KUHN, T. S. **The Structure of Scientific Revolutions**. 2nd. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1970.
- LAKATOS, I. "Falsification and the methodology of scientific reserch programmes". In: Lakatos, I.; Musgrave, A. eds. **Criticism and the Growth of Knowledge**. Cambridge: Cambridge University Press, 1970. p. 91-195.
- LAUDAN, L. **Progress and its Problems**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1977.
- LIRA NETO, L. J. **Os Livros dos Espíritos**. Uma análise comparativa entre as edições 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> até a 16<sup>a</sup>. Capivari: Editora EME, 2019.
- MARICONDA, P. R. Galileo e a ciência moderna. **Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria**. v. 9, n. 16, jul./dez., 2006, p. 267-292.
- PIMENTEL, M. G. **O Método de Allan Kardec para a Investigação dos Fenômenos Mediúnicos (1954-1869)**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Juíz de Fora, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/ufjf/513/1/marcelogulaopimentel.pdf>



RIBEIRO Jr., A. **A Obra Esquecida de Angeli Torteroli**. O Espiritismo no Brasil e em Portugal, São Paulo: Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo Eduardo Carvalho Monteiro, 2022.

STOLL, S. J. Entre dois mundos: o espiritismo da França e no Brasil. 1999. Tese de doutorado em antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo: 1999.

STOLL, S. J. Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. **Estudos Avançados**, Instituto de Estudos Avançados, USP, v. 18, n. 52, p. 181-199, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300013>

STOLL, S. J. Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 45, n. 2, p. 361-402, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0034-77012002000200003>

STOLL, S. J. **Espiritismo à Brasileira**, São Paulo, Edusp, 2003.

WANTUIL, Z. **As mesas Girantes e o Espiritismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1978.

WANTUIL, Z.; THIESEN, F. **Allan Kardec**, 3 vols. 1ª ed., Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1979/1980.